

Sobre dualismo cartesiano e análise do comportamento

Cartesian dualism and behavior analysis

Isaias Pessotti¹, João Eduardo Cattani Vilares²

[1] Universidade de São Paulo (USP) [2] Reforce – Instituto de Terapia Comportamental | **Título abreviado:** Cartesiano e behaviorismo | **Endereço para correspondência:** João Eduardo Cattani Vilares – Rua Paulo Antônio do Nascimento, 145 – Jardim Portal da Colina, Edifício Planeta Master Office, Sala 51. Sorocaba/SP, 18047-400. | **Email:** jeducattani@gmail.com | **doi:** org/10.18761/PAC11818audp

Resumo: É notória a incompatibilidade entre o behaviorismo radical, monista, e o dualismo (mente-corpo). A obra de René Descartes (1596-1650) – o cartesianismo – tem sido associada ao dualismo mente-corpo. Essa suposição deriva possivelmente da utilização por Descartes, ao longo de sua obra, de palavras como “mente”, “espírito” e “alma”. É possível encontrar no manual do behaviorismo radical de Baum (1999/1994) asserções sobre tal incompatibilidade. Este artigo apresenta uma análise dos escritos originais de Descartes, com resultados que não demonstraram *a priori* a incompatibilidade apontada pelos behavioristas radicais, como Baum. Para Descartes, “mente” não é uma entidade imaterial, ou um “homúnculo” autor de ideias, ou um arquivo de conhecimentos e experiências, mas apenas a capacidade de aprender a pensar (comportar-se). O autor descreve a relação mente-corpo como indissociável.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, dualismo cartesiano, Behaviorismo Radical, mentalismo, monismo.

Abstract: The incompatibility between radical behaviorism (monistic) and dualism (mind-body) is notorious. The work of René Descartes (1596-1650) – Cartesianism – has been associated with mind-body dualism. This assumption possibly derives from Descartes' use, throughout his work, of words such as “mind”, “spirit” and “soul”. There are assertions about such incompatibility in Baum's manual of radical behaviorism (1999/1994). This article presents an analysis of Descartes original writings, presenting results that did not demonstrate *a priori* the incompatibility pointed out by radical behaviorists, such as Baum. For Descartes, “mind” is not an immaterial entity, or a “homunculus” author of ideas, or an archive of knowledge and experiences, but only the ability to learn to think (behave). The author describes the relationship mind-body as inseparable.

Keywords: Behavior Analysis, cartesian dualism, Radical Behaviorism, mentalism, monism.

O nome de René Descartes (1596-1650) tem sido associado às ideias do “mentalismo” ou do “dualismo mente-corpo”, quase como o instituidor de tais ideias. A rejeição ao mentalismo e ao dualismo é não apenas um princípio básico do behaviorismo radical, como também a justificativa para a proscricção do enfoque cartesiano sobre a relação mente-corpo, exposto principalmente nas *Méditations métaphysiques*¹ (1990/1641), com destaque para a “Sexta meditação”.

O mentalismo refere-se a um tipo de dualismo em que se assume que o ser (humano) é constituído por partes físicas e metafísicas (Moore, 2008). Segundo Moore, “mental, cognitivo, subjetivo, espiritual, psíquico, conceitual ou hipotético são as palavras características para esse domínio não comportamental. Resumindo: o domínio da ‘mente’” (2017, p. 75). A partir dessa perspectiva mentalista, o comportamento físico é explicado muitas vezes como um resultado de processos metafísicos, concepção da qual Skinner (1904-1990) procurou se afastar em toda sua obra – na qual buscava uma concepção científica e, portanto, objetiva e mensurável para o comportamento. Para Skinner (1953/2014, 1974), os pensamentos eram comportamentos privados (apenas inacessíveis ao observador externo ao corpo), mas compostos da mesma substância e submetidos às mesmas leis que qualquer outro comportamento (o que configura o monismo), e qualquer explicação científica para o comportamento não se faz pelo uso e pela referência a eventos mentalistas ou metafísicos.

É necessário questionar, no entanto, o que é rejeitado, de fato, quando se rejeitam o dualismo cartesiano e o mentalismo. Seria o cartesianismo realmente incompatível com o behaviorismo radical, conforme aponta Baum em seu manual (1994/1999)? O objetivo deste artigo é demonstrar que o cartesianismo não é necessariamente incompatível com o monismo que alicerça o behaviorismo radical. Para tanto, foram examinados textos originais de Descartes (1637/1964-1976, 1641) e outros que transmitem sua obra (Cottingham, 1943/1993; Teixeira, 1955). Alguns

trechos que demonstram a posição do autor sobre a concepção mente-corpo e outros termos, como alma, sopro vital e mente, foram selecionados e analisados para identificar compatibilidades e incompatibilidades com o monismo.

Uma possível resposta para a concepção corrente de que a obra de Descartes está associada ao dualismo e ao mentalismo dentro da Psicologia está em um conhecido manual sobre o behaviorismo radical, de autoria de Baum (1994/1999).

O trecho a seguir, apresentado para análise posterior, é esclarecedor neste sentido:

A objeção dos behavioristas radicais ao mentalismo é na realidade uma objeção ao *dualismo*, isto é, à ideia de que dois tipos de existência, material e imaterial, ou dois tipos de termos, referentes ao material e ao não material, são necessários para uma compreensão total do comportamento. Todas as ciências, não apenas a análise do comportamento, rejeitam o dualismo porque causa confusão e é antieconômico (...). Os escritos de René Descartes (1596-1650) tiveram influência no estabelecimento do dualismo na psicologia (...). De acordo com a teologia cristã, ele sustentava que, enquanto os animais eram meramente máquinas, os homens tinham também uma alma. Supunha que a alma influenciava o comportamento... Posteriormente (...) os psicólogos distanciaram-se da teologia cristã, substituindo a alma pela mente. (Baum, 1994/1999, p. 53)

Esse entendimento possivelmente não resulta de uma leitura da versão original, em latim, das *Méditations métaphysiques* de Descartes, da versão francesa traduzida pelo duque de Luines e autorizada pelo autor, ou ainda da tradução mais recente de M. Beyssade, feita a partir do texto latino – todas presentes na edição de 1990 (Descartes, 1641/1990). Tais leituras evitariam algumas expressões (ou verbalizações) discutíveis do manual de Baum.

Os exemplos a seguir são ilustrativos dessa afirmação:

1 Apresentamos os títulos e trechos citados desta obra já traduzidos para o português, prescindindo do texto no idioma original.

a) “Todas as ciências ... rejeitam o dualismo” (Baum, 1994/1999, p. 53): provavelmente, a Astronomia ou a Botânica, que também são ciências, não se preocupam com qualquer mentalismo (ou dualismo).

b) “Porque (o dualismo) causa confusão e é antieconômico” (Baum, 1994/1999, p. 53): não se sabe o que fica confuso e qual economia é prejudicada pelo dualismo, pois não foi detalhado pelo autor.

c) “De acordo com a teologia cristã, (Descartes) sustentava que enquanto os animais eram meramente máquinas, os homens tinham também uma alma” (Baum, 1994/1999, p. 53): a origem dessa ideia de Descartes não é a teologia cristã, mas a experiência do “penso, logo existo”, segundo a qual cada homem, diversamente dos animais, é uma *res cogitans*, isto é, tem a faculdade, ou o potencial, de pensar, entender e raciocinar.

A atribuição da teoria cartesiana à influência da uma “teologia cristã” pode insinuar uma fidelidade religiosa de Descartes ao conceito teológico de “alma” (*anima*). Em sentido contrário, nosso mestre Lívio Teixeira, após cuidadosa análise de vários textos referentes a uma eventual religiosidade (católica) de Descartes, conclui: “A justificação teórica da religião de Descartes, o fato de podermos harmonizar os termos em que ela é posta em sua obra com a teologia católica corrente... não exclui a hipótese psicológica de uma *indiferença* real do filósofo pela religião cristã...” (Teixeira, 1955, p. 21). Ele acrescenta: “ao lado desse desinteresse religioso se situa também sua grande tolerância em matéria de religião, que se verifica na sua amizade, não só com católicos, mas com protestantes, rosa-crucianos, libertinos e ateus” (Teixeira, 1955, pp. 21-22).

Pode-se afirmar, então, que a palavra “*anima*” de Descartes não designa a alma da religião cristã. É sinônimo de “mente”, “espírito” ou “sopro”, “sopro vital”, ou, ainda, “vida”, que na natureza diferencia os seres com alma, ou “animados”, como aves ou gatos, e os “inanimados”, sem vida, como as rochas.

d) “Supunha que a alma influencia o comportamento” (Baum, 1994/1999, p. 56): o que Descartes supunha e afirma é que, entre as ações ou movimentos (comportamentos) do corpo há os que resultam do conhecimento, da faculdade de pensar. Não há uma alma (agora com o sentido místico, da teologia cristã) a dirigir o comportamento. (Aliás, convém notar que, nas meditações, o emprego da palavra “*anima*” é raro, enquanto a palavra “*mens*” é muito mais frequente, sempre com o sentido de faculdade de conhecer (*cogitans*)).

e) “Posteriormente (...) os psicólogos distanciaram-se da teologia cristã, substituindo a alma pela mente...” (Baum, 1994/1999, p. 53): o texto sugere que houve psicólogos influenciados pela teologia cristã que a deixaram e substituíram a palavra “alma” pela palavra “mente”. De todo modo, o emprego da palavra “mente” era frequente já no texto cartesiano – e até antes dele, quando não existia nenhum psicólogo aderente ou resistente a uma “teologia cristã”. Mais ainda, o emprego de “mente” com o significado de pensamento, conhecimento ou cognição era frequente já na Antiguidade romana, por autores como Juvenal e Virgílio (*A Eneida*).

Segundo Baum (1994/1999), o que os behavioristas radicais recusam é a ideia de dois tipos de existência ou dois tipos de termos, relativos ao material (entendido como corpo) e ao não material (referente à mente). Portanto, o que se rejeita é a adoção de um termo imaterial (“mente”), ao lado de outro, material (“corpo”), bem como a admissão de uma natureza dúplice do ser humano constituída por duas partes, ou seja, dois tipos de existência (como se existissem um homem corporal e um homem mental).

Os termos dessa rejeição parecem excluir a ideia de uma mente entendida meramente como capacidade de pensar – julgar, argumentar, raciocinar. (Apesar de não ser muito raro encontrar a expressão “comportamento e cognição” em textos comportamentais para designar duas áreas distintas de interesse científico.) Pode-se perguntar se “cognição” não corresponderia à “mente” cartesiana.

Também para Descartes a “mente” não é uma entidade imaterial, ou um “homúnculo” autor de ideias, ou um arquivo de conhecimentos e experiências, mas apenas a capacidade de pensar, que o corpo, como tal, não tem. E que assegura a cada homem sua natureza humana, sua condição de *res cogitans* (“coisa pensante”). (Como a velha racionalidade que, segundo Aristóteles, distingue a espécie humana.)

Quanto à rejeição à doutrina cartesiana como admissão de dois tipos de existência, ou seja, de uma dúplici natureza humana, composta de duas partes distintas – corpo e mente –, uma leitura do texto original (latino) da “Terceira meditação” aponta várias afirmações de Descartes que deixam clara a ideia de união indissolúvel entre corpo e mente. São entendidos como claramente distintos, com propriedades específicas, mas indissociáveis, inseparáveis, formando “uma coisa só” (Descartes, 1641/1990, p. 231).

As citações apresentadas adiante mostram essas concepções. No trecho a seguir, o autor destaca a impossibilidade da separação entre sentir (comportamento) e o próprio corpo (físico), pois não é possível sentir de nenhuma outra forma que não no corpo (não há uma meta-física):

Não era sem razão que, por algum tipo de direito especial, o que eu chamava meu não pertencia a nenhuma outra coisa, Eu não podia jamais ser separado dele, como de todos os outros corpos; e sentia nele, e através dele todos os meus apetites e as minhas afeições. *Enfim, é em partes desse corpo e não em outras, fora dele, que eu sentia a dor e o prazer* [grifo nosso]. (Descartes, 1641/1990, p. 215)

Nos trechos apresentados a seguir, Descartes aponta a simultânea existência do corpo e da consciência, descrita como a capacidade de pensar sobre o próprio corpo e sobre o próprio pensar:

Por consequência do fato de saber que eu existo e que nada mais pertence à minha natureza ou essência se não somente que eu sou uma coisa que pensa, eu concludo que minha essência consiste apenas em que eu sou uma coisa que

pensa. E mesmo que eu tenha um corpo que me é estreitamente ligado, de um lado, eu tenho a ideia clara e distinta de mim mesmo como sendo uma coisa pensante e não extensa e, de outro lado, uma ideia distinta de meu corpo enquanto é apenas uma coisa extensa e não pensante. (Descartes, 1641/1990, p. 223)

A natureza ensina também, por estes sentimentos de dor, fome, sede, etc., que eu não estou apenas alojado no meu corpo como um piloto está num navio, mas que a ele estou tão estreitamente ligado e misturado *que componho, com ele, uma coisa só* [grifo nosso]. (Descartes, 1641/1990, p. 231)

Pois, na verdade, essas sensações de sede, fome, dor, etc., não são outra coisa, senão certos modos confusos do pensamento, *nascidos da união e da mistura da mente com o corpo* [grifo nosso].

...

E também, do fato de que certas percepções me são agradáveis, e outras, desagradáveis, é nitidamente certo *que meu corpo ou eu todo* [grifo nosso], pois sou composto de corpo e mente, possa ser afetado por comodidades e incômodos, por outros corpos que o circundam. (Descartes, 1641/1990, p. 233)

Em contraposição aos trechos anteriores, uma leitura superficial dos trechos adiante pode dar a entender que a mente é constituída de outra substância que não física, já que ela é indivisível – diferentemente do corpo, que pode vir a ser dividido:

Eu falo apenas do que Deus me deu, *como um composto de mente e corpo* [grifo nosso]. De fato, parece-me que apenas à mente e não ao composto de espírito e de corpo compete o saber sobre a veracidade das coisas. (Descartes, 1641/1990, p. 237)

Desde já anoto aqui que há uma grande diferença entre mente e corpo, visto que o corpo, por sua natureza, é sempre divisível, mas a mente é absolutamente indivisível. Pois, na verdade, quando a considero, ou seja, a mim mesmo, dado que sou somente uma coisa que pensa,

não posso distinguir quaisquer partes, mas entendendo que sou *uma coisa absolutamente única e integral* [grifo nosso].

....

E embora toda a mente pareça unida a todo o corpo, se um pé ou braço, ou qualquer outra parte do corpo é separada, entendo que nada é retirado da mente. (Descartes, 1641/1990, p. 246)

Em resumo, a oposição ao chamado “dualismo cartesiano” na Análise do Comportamento parece decorrente, em grande parte, da importância dada por Descartes, na “Sexta meditação”, à distinção entre os conceitos de mente (ou equivalentes) e corpo. Mas, no *Discours de la méthode* (Descartes, 1637/1964-1976), em uma definição de *res cogitans*, Descartes escreveu: “Eu sou, a rigor, somente *uma coisa que pensa* [grifo nosso], isto é, sou uma mente, ou inteligência, ou intelecto, ou razão” (Cottingham, 1943/1993, p. 115). Descartes afirma que isto é o que a razão aponta, mas que cada um “experimenta, invariavelmente, no interior de si mesmo, sem filosofar” (Cottingham, 1943/1993, p. 117), a união entre alma (ou mente) e corpo. Nesse sentido, Descartes escreveu para a princesa Elizabeth, em 1643: “Todos sentem ser uma única pessoa com corpo e pensamento tão relacionados por natureza que o pensamento pode mover o corpo e também sentir as coisas que com ele acontecem” (Cottingham, 1943/1993, p. 117).

No resumo da “Sexta meditação”, Descartes escreveu: “Finalmente, na sexta, são descritos os aspectos da distinção; prova-se que realmente a mente é distinta do corpo, mas, por outro lado, mostra-se que ela é tão estreitamente ligada a ele, que ele compõe, com ela, uma coisa só” [grifo nosso] (Descartes, 1641/1990, p. 308).

Antes, nesse mesmo resumo, o autor usa como equivalentes os termos “espírito” e “natureza intelectual”: “Na segunda, o espírito ... distingue facilmente o que pertence a ele, ou seja, à natureza intelectual, e o que pertence ao corpo” (Descartes, 1641/1990, p. 301).

Destaca-se, ainda, que na versão latina do resumo consta a expressão “*mentem vero humanam*”, enquanto na versão francesa aprovada por

Descartes consta, como equivalente, “*âme humaine*”, indicando que “alma” é apenas um sinônimo de “mente” e nada tem a ver com a teologia cristã apontada por Baum (1994/1999, p. 304).

Considerações finais

Como se demonstrou, para Descartes corpo e mente formam uma coisa só. Uma analogia possível talvez seja com o som de um instrumento musical, que necessariamente tem duas propriedades completamente distintas – a altura do tom (mais agudo ou mais grave) e o volume (mais alto ou mais baixo) –, mas só é um som, único, com a união dessas duas propriedades distintas, porém inseparáveis.

Essa perspectiva não parece estar em oposição aos pressupostos da Análise do Comportamento que correspondem ao monismo, uma vez que o monismo assume que eventos físicos e psicológicos não são compreendidos como compostos por substâncias físicas e metafísicas separadamente, mas são indissociáveis no ser, e são todos de substância física (corpo e mente – ou, se preferirmos, corpo e comportamento público e privado).

Referências

- Baum, W. M. (1999). *Compreender o behaviorismo*. Artes Médicas. (Obra original publicada em 1994)
- Cottingham, J. (1993) *Dicionário Descartes*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1943)
- Descartes, R. (1964-1976). *Discours de la Méthode*. In: C. Adam, e P. Tannery (orgs.). *Oeuvres de Descartes*. Vrin/CNRS. (Obra original publicada em 1637)
- Descartes, R. (1990). *Méditations métaphysiques*. Librairie Générale Française. (Obra original publicada em 1641)
- Teixeira, L. (1955). A religião de Descartes. Notas à margem de alguns textos. *Revista de História*, 21 e 22, 171-218. 10.11606/issn.2316-9141.v10i21-22p171-208
- Moore, J. (2008). *Conceptual foundations of radical behaviorism*. Sloan Publishing.
- Moore, J. (2017). Uma comparação de práticas explanatórias do mentalismo e da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*. 13(2), 74-80. 10.18542/rebac.v13i2.5909
- Skinner, B. F. (2014). *Science and human behavior*. B. F. Skinner Foundation (Obra original publicada em 1953)
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. Alfred A. Knopf.

Histórico do Artigo

Enviado em: 01/04/2024

A convite de toda equipe editorial da Revista
Perspectivas em Análise do Comportamento